

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 5 — 1916

8 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

PROPRIETARIO

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E — LISBOA

Toda a correspondencia para
os escriptorios provisorios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros **500** réis para o continente, ilhas e ultramar. Estrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Annuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo **20** réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 5 columnas.



S. M. a Rainha Senhora Dona Amelia

Augusta mãe de S. M. El-Rei, nosso Senhor. Viuva desolada de D. Carlos — o Martyr, o Sabio e o Justo. Anjo da Caridade, Mãe da Misericórdia, desvelada protectora dos opprimidos, dos doentes e dos pobres. Simplicidade, doairo régio, alma rutila, coração pulsando por esta Sua Patria muito amada. No seu diadema de Rainha, abafado em crepes, refulgem os tres diamantes da infinita Bondade: A Assistencia Nacional aos Tuberculosos, o Sanatorio da Torre do Outão e as Cossinhas Economicas de Lisboa.

A «Monarchia» apresenta a Sua Magestade os seus protextos de absoluta fidelidade, admiração e respeito.

“Foram os vadios,”

Já quando foi a celebre jornada das *latas*, organizada pelo Directorio Republicano durante as eleições a que presidia Ferreira do Amaral, na Monarchia, João Chagas, então chronista-mór, vem em defeza do partido que nunca teve a força moral de assumir responsabilidade dos seus actos.

Sobre os seus sequazes ou discolos, sobre os seus filiados ou correligionarios, lançados para a desordem, atirou os mais desbragados epithetos. «Que não fôra o partido republicano, mas os desordeiros de profissão: a canalha das ruas, a ralé!» Agora, apoz a ultima *bagarre* hyper-revolucionária, annunciada dias antes, como o incêndio no Deposito de Fardamentos, e revestida como nenhuma outra de actos de requintada selvageria, em que a pilhagem, o vandalismo, o assassinato, — o roubo, a bomba e o punhal — se patentearam cláramente numa furia louca de destruição e de morte — tambem estes motins anarchicos, nesta hora grave que a nação portugueza atravessa, não são da responsabilidade da republica, nem do governo democratico do sr. Affonso Costa, porque, afirma-o no seu orgão officioso o proprio governo. «Não foram promovidos por republicanos mas por vadios!»

A entidade abstracta do principio politico, com a do individuo, é que o governo pensa, bom jacobino, manter illesa, limpa de macula. A vida e os haveres dos portuguezes, o brio nacional e a propria patria, bem lhe importam elles, que se percam, que se enlameiem, que succumbam, contanto que se salvem os principios.

Foram os vadios.

O republicano, segundo o seu cathecismo mystico, é bom patriota, cidadão exemplar, honesto, digno, puro, santo. Só pelo facto de se filiar no seu partido, embora seja o mais terrivel salteador e o mais perverso dos homens, desce logo sobre elle um nimbo de pureza. Encarna logo o homem ideal de Rousseau. O seu mandato vem-lhe mais alto que de Deus: vem-lhe da deusa Razão. Pode matar, espoliar, humilhar o seu semelhante: pode, na sua cegueira ultra-fanatica, conspurcar a moral social e cravar um punhal no coração da Patria: tudo pode, tudo lhe confere o seu mandato. Elle é Czar e Papa! E assim como hoje sagra e se orgulha dos seus attentados, amanhã — nega-os. Hontem matou — e foi heroe. Agora mata... e é o martyr!

Foram elles hontem que fizeram o 14 de maio: quem hoje assaltou as mercearias, massacrôu soldados, semeou o terror e a morte na capital — foram os vadios!

Nós apostamos que ainda não foi ouvido o director da Tuturia da Infância.

*

Quando do incendio no Deposito de Fardamentos, o primeiro passo para a impunidade do crime foi dado n'esta accusação abstracta: foram os allemães, foram os inimigos da republica. Ora os inimigos da republica são 99 % da população do paiz e os allemães são os que andam lá no occidente com Mackensen, e no oriente com Hindenburgo... E até hoje a justiça não lançou mão dos criminosos. N'estes ultimos acontecimentos fizeram-se numerosas detenções, houve prisões em massa, decerto que a bordo dos navios ha culpados e innocen-

tes. Mas entre os culpados estarão os verdadeiros criminosos? Quer o governo convencer-nos d'isso?

A situação afflictiva do povo, mórmente das classes trabalhadoras, motivada pela carestia dos generos de primeira necessidade que a incuria ou o proposito de quem manda, deixou chegar a este ponto, á antecâmara da rebelião ou da morte, era de molde a prevêr taes acontecimentos. A fome é negra — já se dizia nos comicios. E cremos que jamais o paiz atravessou crise igual a esta. Mas nós cremos tambem — não ha espontaneidade em movimentos populares — que houve mão occulta que lançou este incendio de revolta.

Deve haver tambem aqui um Leandro politico, que se serviu, para fins occultos, da população de Lisboa esfomeada. Nós temos o desassombro de o dizer. Queremos que se faça luz. Queremos que lá fôra se não diga que isto é um paiz perdido. E' preciso que se sondê, que se busque quem são os interessados em fomentar a desordem no momento actual, em que a patria portugueza, á beira de um abysmo, tem que estar de atalaia, os olhos bem abertos e o espirito bem calmo. O mais simples movimento a pode precipitar.

Perguntamos ao governo por hoje: são os vadios os interessados em entrar os trabalhos de mobilisação da divisão que a Inglaterra exigiu para ir combater na Flandres? Foram os vadios os interessados no incendio do Deposito de Fardamentos?

Organisação Monarchica

Um inquerito

Meu caro amigo:

Sobre a organisação monarchica tenho a dizer-lhe o seguinte:

Antes do 14 de Maio propuz-me, de accordo com alguns amigos, organizar em Lisboa as commissões parochiaes, e só quando uma das commissões já funcionava, a de Alcantara, levei ao conhecimento dos que reputava auctoridades superiores no assumpto, e ainda d'accordo com esses amigos, o seguinte plano de organisação que me parecia, e ainda parece, o mais habil e liberal: Formavam-se as commissões parochiaes de Lisboa, que por sua vez elegiam a commissão districtal, formavam-se na provincia as commissões concelhias que por sua vez elegiam as commissões districtaes. Em reunião de todas as districtaes seria eleito o directorio do partido.

Assim o directorio ou junta directiva ou como se combinasse chamar-lhe, teria toda a auctoridade que lhe dava a eleição, bem diversa da que lhe viria da escolha de Sua Magestade El-Rei, escolha com que nunca concordei e que Sua Magestade não fez porque com o seu alto criterio viu os inconvenientes d'ella.

Esta era a meu vêr senão a mais facil, a mais liberal de todas as organisações.

As commissões parochiaes e concelhias não podiam por esta vez ser eleitas por falta de cadastro, mas sêl-o-hiam no futuro.

Resta dizer que ainda chegaram a funcionar tres commissões que o 14 de Maio desperçou.

Venerador e amigo,

Armenio Monteiro.

As classes operarias na futura Monarchia

A dois dias apenas do futuro restabelecimento da Monarchia em Portugal, urge que algo se vá já dizendo sobre a missão que de futuro está imposta ás classes operarias.

Provou-nos a experiencia d'estes longos cinco annos de republica não ser esta a forma de regimen dentro da qual as referidas classes obtenham o triumpho das suas reivindicações. A felicidade que julgaram vêr raiar na historica manhã de 5 d'outubro de 1910, transformaram-na a experiencia republicana na mais tremenda das desilusões.

Ambicionava o operariado a victoria das suas reivindicações — politicas e economicas. Sem repararem no exemplo da Alemanha onde a questão politica foi completamente posta de parte para unicamente dêr logar á questão economica, esses visionarios filhos do povo, fascinados talvez pelas frases bombasticas atiradas ao vento nos comicios pelos oradores republicanos, deixaram-se inconscientemente levar pelos seus idolos, que os transformaram n'uma razoavel força adversa á Monarchia.

Pobres chefes de familia a quem a ignorancia propria e a maldade alheia fizeram esquecer os entes queridos de quem elles eram o unico amparo, para os transformar n'uns instrumentos das ambições dos pseudos salvadores da Patria.

E enquanto as esposas, filhos e paes, aguardavam em casa o fim da semana para com a misera soldada que os seus chefes recebiam comprarem o pãozinho e demais generos para o seu sustento, elles dementados pelas falsas promessas anteriores, corriam aos comicios (olvidando completamente o trabalho), só para ouvirem mais e muito mais promessas dos «bons dos doutores» que só o bem popular desejavam. A fome, a negra fome, mãos dadas com a miseria, entrava então avassaladoramente no lar, e a sua existencia era atribuida, nas mais terribes das imprecações, á Monarchia. Porém a esperança de melhores dias, pelos idolos promettidos, dulcificava as privações do momento.

Um dia eis surgido o 5 d'Outubro e feita a republica. A felicidade ia raiar — dizia se. Não mais fome, não mais miseria, não mais privações haveria. Decorreram 5 annos sobre esse dia e que vêmos entretanto? A fome, sempre a negra fome, fazendo debater-se nos seus enormes tentaculos o operariado portuguez. Mas então onde está a felicidade outr'ora promettida?

Mentiram-vos oh proletarios do meu paiz! Abusando da vossa ingenuidade, mentiram-vos e mentiram-vos como uns pèrros! E' terrivel o vosso castigo! Não o merecieis tão terrivel, porque foi bella a vossa credulidade. Não o merecieis tão medonho, porque foi patriotica a vossa ingenuidade.

Seguiste-os porque, acreditando nas suas falsas promessas, não reparaste quão mentirosas eram ellas! Falaram-vos na familia e na Patria, e prometteram-vos a felicidade de ambas; com essa abnegação e amor patrio, proprio de nós portuguezes, nem sequer procurastes saber quem esses homens eram, d'onde vinham, nem que meios dispunham para suas promessas cumprirem, e seguiste-os inconscientemente. Fizestes-me lembrar o caminheiro da fabula que, tendo dois caminhos deante de si e julgando destinarem-se ambos ao mesmo ponto, pelo que indifferente seria tomar quer por um, quer por

outro, seguiu pelo falso e só tarde pelo engano deu. Também vós tinheis dois caminhos a trilhar, que se vos afiguravam destinarem-se ambos a conseguirdes o triumpho das vossas reivindicações: o politico e o economico. Era pelo ultimo que devíeis seguir. Demonstrou vo-lo a experiencia, demonstrou vo-lo o exemplo da Allemanha.

Conduzia-vos á gloria. Preferistes o outro. Errastes. Só miseria e desillusões contraes. Como é dura a experiencia dos factos!

Antonio de Camarate.

A' Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Ha já muitos annos foi publicado um aviso ao publico communicando que o serviço de grande velocidade era permanente, e não sabemos que esse aviso fosse revogado. No entanto no dia 4 ás 7^h da noite não nos quizeram despachar para o Porto o nosso jornal causando-nos com isso um prejuizo muito grande.

Procurando-se o respectivo chefe de seccion e dizendo-lhe que eram jornaes, nada se obteve.

Então o serviço é ou não permanente?

Livros, revistas e jornaes

Recebemos a visita do nosso novo collega diario *A Ordem*, dirigido pelo sr. dr. Camossa Saldanha.

Litterariamente bem feito, como não podia deixar de ser, dada a sua dupla condição de catholico e monarchico, *A Ordem*, ha de, assim o esperamos, ter futuro prospero e seguro.

Os nossos cumprimentos respeitosos ao seu Director.

E vem a proposito dizer que nenhum dos outros nossos collegas diarios, monarchicos, se dignou estabelecer a permutta. Cá os vamos comprando...

Recebemos a visita do nosso collega *A Soberania do Povo de Agueda*, semanario monarchico, esplendidamente dirigido pelo sr. Conde de Agueda.

Recebemos a visita de *A Comarca de Arganil*, semanario independente e bem redigido.

Recebemos a visita de *O Bussaco*, semanario que se publica n'aquella linda estação de verão.

Recebemos a visita do *Porto Critico*, semanario que, como o seu nome indica se destina a fazer a critica sobre theatros, Arte e Desportos. Longa e feliz vida!

Recebemos o folheto intitulado *Fomento Agricola e Industrial* do sr. Russel Cortes, que muito agradecemos e vamos lêr.

A todos os nossos agradecimentos.

Rocha Martins

D. MANUEL II

Memorias para a historia do seu reinado. Edição profusamente illustrada com as scenas principaes dos acontecimentos politicos.

Pedidos á Typographia José Bastos

R. d'Alegria, 100 — LISBOA

A obra da Restauração

Quando Ramalho Ortigão — o velho glorioso que hontem tombou na campa rasa — affirmou ha dois annos, que «em face da batalha de sentimentos e de ideias no conflicto portuguez dos nossos dias entendia que á ala dos veteranos caberia o dever moral de apresentar as suas antigas armas a essa nova ala de namorados...» mais do que ninguem, elle com a sua auctoridade vinha dar-nos alento, inculcar-nos coragem e indicar-nos o caminho a seguir.

A corrente philosophica que de França nos vem, pela pena de Bourget e de Barrés, trouxe-nos a certeza de que só a tarefa conservadora, uma tarefa de reconstrucção nos poderá salvar da obra negativista que, ha 40 annos, tem sido arma venenosa que atirou para a frente das barreiras com o demagogismo audacioso e para um retrahimento perigoso o conservantismo.

D'esse retrahimento ha que fazer sahir a onda conservadora que é uma maioria formidanda n'um paiz onde as maiorias mandam, ordenam, destroem.

Agora, mesmo, a dois passos d'uma Restauração, a obra dos monarchicos parece ainda limitar-se á destruição do existente que é o republicano. Anda em nós todo o fermento demagogico á soporação, a corroer-nos, n'uma acção deletéria. E' esse fermento que é necessario pôr de lado para começarmos a obra do levantamento da Nação. Com elle nada poderemos fazer.

Pensemos no dia de amanhã, e em vez de nos deixarmos morrer, lancemo-nos, por uma reacção, na vida constructiva que nos salvará.

A não ser Mariotte no exilio e, cá dentro, esse punhado de moços que professa o integralismo, não dou por um esforço de maior que seja sequer um vislumbre de essa reacção. A acção filosofica, sadia e positiva, que aquelle vem intentando nos *Meus Cadernos* e este na *Nação Portuguesa*, parece ainda ser encarada, dentro da causa Monarchica, como obra de méros lunaticos sem resultado positivo, que ao primeiro já o tenho visto alcinhado de reaccionario e aos segundos de «rapazinhos inoffensivos», sem se dar pela importancia philosophica e educativa que a sua obra possui.

E' assim, se tem vindo a desbaratar uma energia preciosa n'um revolucionarismo *ad hoc*, um *bota-abaixo*, uma negação continua.

Para toda essa orientação nos vem empurrando, sem que de tal curemos, o nosso temperamento impulsivo de meridionaes e a educação systematicamente negativista das gerações que nos precederam.

E' uma herança legada de que só muito tarde nos poderemos livrar, se para isso quizermos ainda contribuir.

A' geração d'hoje cabe o melhor quinhão no desdobrar da senda que os que vierem hão-de trilhar. Ella tem na mão, não o camartello da destruição, mas o cimento com que ha-de lançar os alicerces e armar o novo edificio. Possui a melhor somma de cabedal para oppor á onda que se desencadeou e affrontar a tempestade. Consegui-lo-ha, certamente, com fé e com organização.

Ao tradicionalismo hemos de ir buscar a affirmação da epocha presente. A' fonte do Passado hemos de ir beber as inergias

Esta a obra da Restauração. Antes e depois. *A Monarchia* vai encetar uma serie de entrevistas tendentes a mostrar o que deve ser essa obra.

A. L.

Como elles começaram!

**Antonio Macieira—Alexandre Braga
Insultos—Vaías—Expulsões**

Uma vez, ha muitos annos já, era então quem estas linhas escreve muito criança houve em Coimbra uma serrafusca, parenta proxima das muitas que os estudantes armavam...

Desenvolveu-se no Largo de Samsão, já então Praça oito de Maio, a parte propriamente de *exercicio de sabre* pela policia. então ainda de formação recente e mal instruida...

Em minutos o largo foi evacuado, fugindo grande parte dos estudantes para a embocadura da Rua de Visconde da Luz e o povo e poucos estudantes para a Rua do Corvo, Rua da Louça e da Moeda...

Entre as Ruas da Louça e da Moeda havia um estabelecimento de ferragens, que, como os demais, fechou as suas portas. Na soleira da porta d'esse estabelecimento sentou-se o sr. Antonio José d'Almeida tendo, se a memoria nos é fiel, o *Conimbricense*...

A policia dava espadeirada de maior... no zé, que nos estudantes mal os via... No meio da Praça o commissario de policia (Ferrão?) de chapéu alto, bracejava, dando ordens.

O sr. Antonio José levanta-se e paulatinamente vae para o commissario dizendo-lhe o quer que fosse que mais exaltou a auctoridade, que o mandou prender...

O sr. Antonio José seguiu placidamente para a Rua de Visconde da Luz onde a môca do Simão das forças o livrou das garras do policia...

E' n'esta cidade á beira-Mondego erecta, que se passa a horrenda tragedia que fez *expulsar do partido republicano, por traidor*, o sr. Antonio Macieira.

Que pena não possuirmos o estro serio —jucoso de Antonio da Cruz e Silva para n'um novo Hyssope contar o caso, evocando todas as figuras lendarias das ruas Coimbrãs; procurando o sr. Alexandre Braga nas tabernas do bairro alto e o sr. Antonio Macieira nos lupanarés; focal-os, á tarde, nas demarchés sopeiras á beira-Mondego, ou nas noites de S. João, pela madrugada, caminho da fonte dos Castanheiros com os sapateiros guitarristas, como elles alegres, d'uma alegria trazida da Bairrada em vasilhas mais peçonas que o estomago do sr. Alexandre Braga, no dizer gracioso do sr. Antonio Macieira.

Estamos em 1898. A Tuna Academica de Coimbra projectava uma excursão a S. Thiago de Compostella. Viagem que despertava na academia um entusiasmo louco...

Uma viajata a Hespanha sem gastar dinheiro, era o ideal! *Salêro, viva tu gracial* Egas Moniz presidia á Tuna.

Tal como na igreja de Elvas o Hyssope fez levantar um processo contra o deão, assim em Coimbra a questão da presidencia devia originar um processo-academico-partidario contra o sr. Antonio Macieira.

Quem devia presidir á excursão da Tuna?

Pedido

Pedimos aos nossos leitores a fineza de mandarem a sua correspondencia dirigida á Redacção ou administração, mas nunca em nome individual. Agradecemos.

Lá por fóra

ECHOS DA GUERRA — DIVERSOS

A guerra estender-se-ha ainda?

A Suecia não está disposta a aceitar o bloqueio de que fallámos no numero passado. No senado o chefe do partido da direita sr. Trygger, disse «a Suecia não renuncia aos seus direitos. Antes que d'elles nos privem ou sofra menoscabo a nossa honra, ou se falte ao respeito que merecemos, estamos dispostos a cumprir os nossos deveres e a impôr-nos os sacrificios necessarios».

Na camara dos deputados o lyder do mesmo partido sr. Lendman, afirmou que o seu partido estava disposto a coadjuvar a neutralidade, accrescentando:

«E' preciso que se mantenha essa neutralidade; mas sem deixar de garantir os nossos interesses nem deixar de demonstrar aos belligerantes que a Suecia não pôde ser menosprezada. Propomos que a Suecia persevere na sua neutralidade, mas sem perder de vista os acontecimentos e prompta para a defesa dos seus interesses».

Por seu lado o presidente de conselho em resposta disse que «o gabinete deseja a paz, porem que é necessario contar que pôde chegar o momento em que isso lhe seja impossivel não obstante todos os seus esforços para a conservar».

Por outro lado sir Edward Grey na camara dos commons diz: «Se estabelecemos o bloqueio temos que respeitar os direitos dos neutros e deixar passar o commercio leal destinado aos portos neutraes. E' o que faremos. Se os paizes neutraes nos disserem que não temos o direito de impedir o seu commercio com o inimigo, teremos que contestar cathegoricamente que semelhante attitudo constitue uma ruptura da neutralidade. Temos o direito de reclamar o emprego das vantagens que nos confere a jurisprudencia internacional estabelecido pelos precedentes das guerras anteriores».

Isto significa que d'um momento para o outro o telegrapho pôde trazer-nos a noticia da entrada da Suecia no conflicto.

A expedição ao Egypto

O enviado especial do *Daily Mail* continua o relato sobre a sua viagem ao Egypto.

Refere que encontrou em Constantinopla o vali de Bagdad, Nachim Pachá, que foi á capital com o fim de dar conta aos allemães da situação das forças turcas e inglezas e repetiu o mesmo que havia dito Enver Pachá, ou seja que os inglezes haviam chegado demasiado tarde.

«Quando supposemos que estavam para chegar, disse, sentimos grande sobresalto, porque as nossas defezas se encontravam em pessimo estado e só contavamos com uns quantos canhões velhos.

Os nossos espías disseram-nos que as forças britannicas não eram muito numerosas e que esperavam novos reforços. Graças a Allah, não chegaram nunca á nossa cidade santa!»

Ajunta o jornalista que postos de accordo o sentimento turco e o odio da Allema-

nha á Inglaterra, o objectivo immediato consiste no canal de Suez.

«Isto poderá ser julgado como um *bluf*, ajunta; mas das minhas conversações com numerosos viajantes allemães e turcos, deduzo que a Allemanha e a Turquia realizarão os seus propositos, se não o impedem com grandes esforços combinados os anglo-francezes em França e os russos no Caucaso.

Tambem afirma que todos os dias chegam novos officiaes da Allemanha.

Os allemães fomentam com grande actividade a agricultura e a industria, e actualmente estão construindo uma linha ferrea para transportar as forças turco-allemãs atravez do deserto, até ás immediações do canal.

A rendição do Montenegro

O protocolo das negociações com o Montenegro, firmado no dia 25, contem uma clausula final, na qual os montenegrinos pedem a prompta estipulação do tratado da paz.

Os montenegrinos deporão todas as armas em determinados sitios, no praso de tres dias; os officiaes conservarão as suas espadas e a guarda fiscal, como a policia os seus revolvers.

O territorio montenegrino poderá ser utilizado pelos austro-hungaros para operações militares até final da guerra.

O governo montenegrino promette ajudar todo o possivel na aquisição de alojamentos, madeira, agua e meios de transporte.

Todos os portos, caminho de ferro e fortificações do paiz estão já em poder dos austro-hungaros, que os conservarão até á paz.

No caso de existirem mais fortificações, estas poderão ser occupadas pela Austria-Hungria.

No dia 25 foram postos em liberdade todos os prisioneiros austro-allemães e os prisioneiros montenegrinos serão libertados ao firmar-se a paz com o Montenegro.

Os montenegrinos feitos prisioneiros depois da suspensão das hostilidades no dia 17, regressaram já a suas casas.

A administração do paiz continuará nas mãos das auctoridades montenegrinas.

O protocolo foi firmado pelos representados e delegados de ambos os paizes, tenente marechal de campo von Hocfer, comandante Shuppich, general Vicir e comandante Lompar, e é valido, apesar da ausencia do Rei, posto que, segundo a constituição montenegrina, na ausencia do Rei pôde firmar o Principe herdeiro e á sua falta, o ministerio.

Por conseguinte, este convenio de guerra não necessita nenhuma confirmação e é de tanta validade como qualquer outro tratado entre nações. Demais o Rei Nicolau havia dirigido no dia 12 uma carta e telegramma ao Imperador da Austria, pedindo-lhe a paz.

Zeppelins

Novamente voaram sobre Paris as naves allemãs; d'esta vez houve, segundo confes-

sam os telegrammas, muitas victimas.

Quando acabará esta horrorosa carnificina?

Um jornal de Leipzig ha dias propunha que «centenares de zepellins voassem sobre Londres, para castigar essa cidade de appetes sanguinarios. Ha que consolidar esta ideia e executal-a até que de Londres não restem mais que as linhas roxas...»

Quando terá fim esta maldita hecatombe?

Uma proposição difficil...

O sr. Barthou, presidente da festa da Sorbonne, em honra da Servia, terminou o seu discurso assim:

«De pé os mortos, de pé a Servia, a Belgica, a Polonia, a Alsacia, a Lorena; de pé para viver, para vencer, para que os barbaros sejam arrojados!»

Ahi está uma coisa bem difficil: de pé os mortos!

Os que cahiram para não mais se levantar, caiba a victoria a quem couber, não mais se levantarão!

Sejam em paz na eternidade Divina!

O direito de escrever

De todos os paizes da Europa aquelle em que o direito de escrever sobre a guerra como se sente e como se pensa, está mais tolhido, é sem duvida em Portugal.

Tolhido não pela auctoridade superior por forma clara e inilludivel, mas pelos adeptos e amigos do grande admirante Rato...

Deforma que quem, como nós, seja admirador dos allemães pela sua disciplina, sciencia, *ordem e trabalho*, corre sério risco de vêr voar os seus haveres e amolgar as suas costellas!

Pois aqui na vizinha Hespanha, que tem uma rainha ingleza, que tem príncipes de sangue inglez, a admiração pelo poderio geral da Allemanha é muito grande, e ainda agora se publicou ali um livro com o titulo *O anno germanophilo*, com um prologo de Jacintho Benavente, juizos e opiniões de Vasquez de Mella, Rodrigues Marin, Peñafflor, Gay e muitos outros, cheio de retratos de varios generaes allemães, tendo como rosto um retrato, em trichromia, do Kaiser.

Festa nacional da Servia

Em Paris, na Sorbonne, houve uma sessão solemne em honra da festa nacional da Servia.

Assistiu o Chefe de Estado, todo o governo, corpo diplomatico, presidentes das camaras e deputações de senadores e deputados.

Discursaram em honra do povo e do monarcha Servio: Sir Thomas Barklay, em nome da Inglaterra; o deputado Agnelli, em nome da Italia; o doutor Schiota, professor da universidade de Tokio, em nome do Japão e o doutor Metchnikop em nome da Russia.

Por ultimo o plenipotenciario Servio agradeceu em phrases commovidas a festa.

Ou isto ou o banquete de S. Carlos!

Garibaldi

Como se sabe a unidade da Italia e a consequente prisão no vaticano de Sua Santidade, deve-se ao guerrilheiro Garibaldi:

Pois agora um filho d'esse heroe nacio-

Mais impostos!!!

Projecto apresentado pelo sr. dr. Affonso Costa, depois do 31 de Janeiro:

Vinho, geropiga, aguardente e vinagre, entrado no Porto — decalitro cem réis.

Proposta da commissão parlamentar: o mesmo imposto elevado a 130 réis!

Agradecimento das festas.

nal italiano, Ricciotti Garibaldi, general, foi ao colégio belga em Roma deixar o seu cartão de cumprimentos ao cardeal Mercier, e n'esse cartão traçou, com custo pois está quasi paralytico, as seguintes palavras: «beijo a mão ao ministro do Deus justo, que reivindicará o bom direito da Belgica oprimida».

Volta que o mundo dá!

Algodão

A Direcção de Commercio do Egypto noticia que os direitos de exportação do algodão e similares foram baixados em Porto-Saíd e Alexandria, fixando-se em 12 e 10 %.

Pelles

O governo inglez concede auctorisação para a sahida de pelles e coiros para os paizes neutros, mediante adequadas garantias offerecidas pelo commerciante comprador.

A forma d'essa garantia fornece-a o consul britannico e deve ser entregue no ministerio dos negocios estrangeiros para ser officialmente remettida ao nosso ministro em Londres, servindo para tratar da exportação.

E' esta a formula seguida em Hespanha.

Papel

A Suecia auctorisou a sahida para Hespanha de varios barcos carregados de pasta de papel.

E para nós?

O governo hespanhol confia em que a Suecia consentirá novas exportações para o seu paiz.

E nós?

Assucar

Os presidentes das camaras mercantis hespanholas pediram ao governo a livre importação do assucar e o barateamento dos fretes.

Não seria viavel conseguir-se que todo o assucar colonial e das ilhas, viesse para o continente a fretes rasoaveis em barcos nacionaes e acabar com os direitos sobre esses assucares?

Não ha razão nenhuma que n'este momento faça manter os 50 % de direitos que ora paga.

Desastre

Na California, ponto, pôde dizer-se, de concentração dos portuguezes na America

do Norte, deu-se ha dias um grande desastre que não sabemos se victimou alguns compatriotas.

As inundações destruíram duas presas d'agua que comportavam 5 milhões de metros cubicos d'agua e que inundou a povoação de S. Diogo, afogando 50 pessoas e deixando centenaes d'ellas sem pão nem lar.

Operarios sem trabalho

Na Sicilia estão cem mil operarios sem trabalho nas minas de enxofre, por falta de carvão.

Principe herdeiro da Turquia

Foi assassinado o principe herdeiro da Turquia?

Pelo menos foi encontrado com as veias abertas, no seu palacio...

Chérig Pachá, chefe do movimento da opposição turca, residente em Paris, diz que sim.

O premio Fastenratts

A Real Academia Hespanhola, propoz ao Rei que o premio Fastenratts, de 1915, fosse concedido ao auctor da novella *La casa de la Troya*, D. Alexandre Pérez Lugín.

Padeiros em greve

Em Barcelona estão em greve os padeiros, e os fundidores de metaes, esperando ser secundados pelos carpinteiros, pintores e outras artes.

Na Guatemala

Pela quarta vez foi eleito presidente da Republica o Sr. D. Manuel Estrada Cabrera.

Vias-ferreas

Em 1914 havia na Europa 342.923 km. de vias ferreas, assim distribuidos:

Allemanha 62.696; Austria-Hungria 45.454; Belgica 8775; Bulgaria 1945; Dinamarca 3771; Hespanha 15.337; França 50.993; Grã-Bretanha e Irlanda 37.735; Grecia 1590; Italia 17.387; Luxemburgo 519; Noruega 3.092; Paizes Baixos 3255; Portugal 2.983; Romania 3.665; Russia 61.861; Servia 936; Suecia 14.330; Suissa 4892; Turquia 1.603; Malta 110.

S. Carlos

De Italia nenhuma empresa toma parte no Concurso de S. Carlos, por ter sido aberto tarde o concurso...

Pois não se dirá que fosse falta de tempo; desde que se implantou a republica a bem dizer ainda não se abriu...

Para terminar

Uns inglezes preocupados com os grandes prejuizos que a guerra está causando, discutem a maneira de a terminar rapidamente. D'entre elles um propõe *que se forme um syndicato para comprar o exercito allemão e... exportar-o da Europa!*

Dever!

Dever e não favor de todos os monarchicos é arranjar pão para os seus correligionarios, que provem que o são de *verdade* e d'elle tenham necessidade.

Temos n'estas condições dois amigos, homens de merecimento (um ex-administrador de concelho, e um ex-official inferior do exercito), ambos com honrosos attestados de Paiva Couceiro e dos superiores com quem serviram lá fóra.

E' obrigação collocar-os. Esperamos dos monarchicos que precisem empregados, ou lhes possam arranjar collocação, o cumprimento d'este dever.

Congresso Catholico

Abre hoje em Faro o primeiro congresso catholico, diocesano do Algarve.

Fazem os catholicos do Algarve muitissimo bem em se reunir para assentar no muito que no assumpto ha a fazer...

Quando será o primeiro congresso nacional monarchico?

MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinarias e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS PURGAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3835

Residencia: Avenida Prata da Victoria, 42, r/c.

A psychologia dos idolos

Memorias de Affonso Costa

Estas memorias, do «austero e heroico» caudilho republicano, vamos arrancar-as ao «Mundo», que as publicou em successivos numeros acompanhados de um retrato em arrogancia napoleonica... mas de bigode e pera.

Todos sabem bem que s. ex.^a foi para a revoluciuicula de queixos rapados... e naquelle bonito estado foi preso, quando procurava escapular-se.

Publicando alguns trechos das suas memorias e outros documentos dos idolos, sem mais commentarios, sublinhando apenas alguma phrase, nós temos em mira deixar sob os olhos perspicazes do leitor, para seu convencimento, que nenhum d'elles foi animado por uma forte crença do seu credo politico, como por exemplo a dos Danton, Demoullins, Saint-Just ou Couton, que lhes desse força moral, espirito de sacrificio, valor, esperanza, audacia. Verão os leitores, nas suas palavras e actos, nada mais que pusilanimidade, irresolução, irresponsabilidade, incivismo, negação, fraqueza, pavor!

Publicamos tambem estes documentos esmagadores, para que o povo vá fazendo o confronto com os presos politicos monarchicos, que encurralados nas mais sordidas masmorras, (ao contrario d'esses senhores a quem a tyrania monarchica offereceu quartos de officiaes e jantares do Tavares!) tratados como cães, cuspidos, esmurrados, anavalhados, sempre, sempre animados por uma fé viva e por um acendrado patriotismo, assumiram com altivez, todos, as responsabilidades do seus actos e soffreram de animo sereno as maiores inclemencias e martyrios.

1.º dia — 29 de Janeiro de 1908.

Cabeço de Bolla Calabouço n.º 3.

Fui preso ás 11 1/2 da noite de hontem. O visconde da Ribeira Brava, o tenente Alvaro Pope e creio que o Egas Moniz, foram presos ao mesmo tempo.

Estavamos no Elevador do Municipio.

Conduzidos a pé, ao governo civil, intrudiziram-nos, a mim e ao R. Brava, num gabinete cheio de papelada. Pareceu-me que era a repartição do cadastro. Os dois policiaes que nos tinham acompanhado guardavam-nos á vista. Foi grande a demora. Esperavamos que o juiz de instrução houvesse por bem interrogar-nos. Afinal vim a saber que elle mandára chamar os ajudantes para o substituirem nessa tarefa ingloria.

Durante aquellas horas de espera, conjecturamos o que iria succeder-nos. Mais uma vez se abatia sobre nós a má vontade de alguém, que julga poder levar tudo pelo terror. Por isso, embora ignorantes do que poderiam attribuir-nos, preparamo-nos, nessa conversação derradeira, para longos infurtunios.

Eram 2 horas quando nos separaram, indo cada um de nós para o gabinete de um dos ajudantes.

Coube-me em sorte o dr. Sampaio... Triste doente, aborrecido por o terem obrigado a sahir da cama para me ouvir, o magistrado policial não teve grande trabalho comigo.

Desde todo o começo reclamei por escripto, contra a minha prisão, que em qualquer caso era illegal e incompetente por attentar contra as minhas imunidades de deputado.



«Meus senhores! Depois do pão a instrução, que é um dos grandes factores da riqueza social!

Nós instruiremos o povo barbaramente analfabeto, dominado pelo cacique eleitoral!»

Parece que ainda estamos a vêr o doutor Antonio Zé, cabelleira ao vento, rubro, n'uma gesticulação larga de bello tribuno, gritando estas e outras coisas lindas ás mássas estupefactas perante tanta promessa...

Pois meus caros senhores, a instrução

no Lyceu Pedro Nunes, que se diz ser o melhor de Lisboa, ha uma turma de crianças da 1.ª ou 2.ª classe, que só no primeiro periodo d'este anno lectivo teve sete professores e talvez pouco mais de vinte e quatro aulas!!

Meus senhores! A instrução...

Vossencias lembram-se da cantiga da raposa para comer o queijo que o corvo tinha no bico...

Pois o Zé tambem foi na cantiga e... é isto que se vê!

Toda a gente o conhece... Elle é o nervo das revoluções portuguezas... Com a sua figurinha pequena, deselegante, botas cambadas e sobrecasaca cheia de galões, mas desbotada e velha, elle é a alma robespierreca das revoluções nacionaes... Fez-se a si e ás revoluções... E' certo que uma só das suas conjuras vingou porque a parle contraria doída pelas leis physicas da inercia o deixou relampejar ao sol da victoria!

Elle é revolucionario no mar e em terra, jornalista e poeta, e se em versos não fez como Robespierre seu émulo e figurino, a sua auto-biographia de revolucionario encartado e descontente, certo estamos que ja a si applicou os versos com que o outro fez, a seu modo, o seu retrato:

«Robespierre seul trouve la formule édeale du citoyen.

Robespierre seul la rempli exactament, sans excés ni lacune.

Robespierre seul est digne et capable De conduire la Revolution».

C'est vrai!

Robespierre e Elle...

Arcades ambo!

Leiam este relato, presencial dos grandes festejos do Porto e digam lá se ella não vae n'um sino para... o Prado do Repouso!

«... Até que pelas 16 horas apoz um coche funerario conduzindo um feretro, chega a berlinda presidencial, d'esta vez puxada a uma só parelha; «... saúda o povo que se descobre mas não secunda os dois vias que foram levantados.»

D'o Paiz

Ella no coche, elle na berlinda fazendo-lhe o acompanhamento...

Foi o ensaio do final...

Ha 40 annos que sua excellencia sonhava com aquellas carruagens á Daumont e com aquella entourage palaciana, e tudo era estudar os modos, as praxes e as etiquetas protocolares...

Porem aquelle convivio largo com o sr. Corôes, com o sr. Raymundo Alves, os manos Rodrigues, etc., estragaram tudo e sua excellencia, bem a seu pesar, tem os seus descuidos...

Sahiu a estação da Avenida, sempre, claro está, cordelmente cumprimentando, entrou na carruagem e sem se lembrar da sua alla posição, sempre amavel, sempre gentil, sentou-se de costas para o cocheiro, dando o lugar de honra aos seus ajudantes...

Felizmente o cocheiro tinha visto muito, tinha conduzido muito senhor de calhegoria real e reparou a falta batendo-lhe amavelmente no hombro:—psit! olha que o teu logar é do outro lado!

Então mudou de logar, agradecendo pehorado ao cidadão seu cocheiro...

O «Paiz» noticiando a chegada do Porto do sr. Presidente da Republica disse que o cortejo desceu no elevador...

E' tudo assim n'esta republica ultra-comica! Quando desce—sobe, quando sobe—desce! Como é pois que ha almas candidas que pensem que «isto» se aguenta, sendo uma balança sem fiel!...

Volta a fallar-se muito na reforma da policia...

Não que a formiga está falha de dinheiro e é indispensavel trazel-a contente... Ella já retirou o appoio ao sr. ministro do interior e isto podia bem ser o inicio do fim do ministerio...

Alem de que a chefia do sr. Affonso Costa tem andado muito ameaçada de ir abaxo e com ella o proprio idolo!

Nada de brincadeiras, toca a contentar a formigal familia...

Na bibliotheca d'um erudito philosopho encontraram-se um escriptor illustre e o sr. D. Bombardino Rachado.

—Quanto dispendio de actividade e quanto saber aqui armazenado, diz o escriptor.

—E é verdade!

—Grande obra!

—Não ha duvida; mas repare o meu caro amigo que a minha, a obra realisada só por mim, não é menor!...

—?!

—Senão veja: desaseis filhos e as notas d'um... sujeito que os fez e os viu nascer, crescer, fazer chichi, casar e procrear!...

Mac.

A' ultima hora

Segundo nos constou muito á ultima hora, vae reunir-se hoje o grosso de democraticos para votar a expulsão do partido de todos os grupos que assignaram o manifesto ha dias distribuido e em que se lançavam ás feras o sr. ministro do interior e governador civil.

E' a expulsão em massa da formiga!...

COIMBRA EM FRALDA

por

Armenio Monteiro

PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41—LISBOA

Echos & Commentarios

Bombas!

O governo admira-se e finge revollar-se com as successivas explosões de bombas de dynamite. Pois nós achamos isso naturalissimo.

Então para que fizeram a sua propaganda? até a sua divulgação e ensino em livros illustrados, impressos em officinas do Estado?!

Lenha... para se queimar...

Un peuple remué...

...ne peut faire que des exécutions. Hon-tem continuou a fazer-se em Lisboa a apothese do crime. Do crime de assassinio. De assassinio sobre o primeiro magistrado da nação. Foi no cemiterio e os glorificados continuaram sendo apenas os cidadãos Buissa e Costa. Ora eu pergunto:— porque se não faz grandiosa manifestação aos legítimos vivos?

A loucura jacobina

O nosso director, conforme se vê no annuncio da oitava pagina, vae publicar as suas melhores paginas de rebeldia viva e de evangelisação monarchica. Claro que isso será um acontecimento, talvez o maior acontecimento litterario dos ultimos tempos. Escriptas umas no carcere, outras no exilio, outras em liberdade, n'aquella sua linguagem candente e alevantada, ellas constituirão como que a chronica d'estes tempos terriveis, que elle sentiu e viveu como poucos na sua arriscada e ardua vida de luctador de uma causa santa. Que ninguem deixe de ler a *Loucura Jacobina*.

A "sopeira,, tambem depõe

Pois é verdade—no inquerito do jornal de S. Roque, sobre o incendio, tambem depõe uma «sopeira». E' a menina Maria Ferreira, «creada de um nosso amigo»... Não conhecem? Do tal, morador na rua de tal, numero tantos... Por signal é de Braga e chama-se Lourenço. Ora os farçantes!

Má poetisa?

O jornal dos herdeiros de França Borges chama má poetisa a sr.^a D. Domitilla de Carvalho, por ella haver dedicado um soneto, publicado no *Dia*, á memoria de S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos. Nós não queremos ser juiz n'esta questão, passamos de ha muito a «homem de prosa», mas quer-nos parecer, pondo de parte os nobres intuitos da illustre medica e olhando apenas o lado litterario dos seus versos que elles ultrapassam tudo quanto a musa jacobina canta na lyra de Alfredo Ansur, do padre renegado Ançã, ou da madama Maria Velleda...

Confrontem.

O melhor brinde...

Para o banquete de homenagem ao sr. Alexandre Braga, na proxima quarta-feira será proferido pelo Antonio Macieira, o tal que não quiz pagar o automovel. Consta-nos que o brinde começará assim: «O tu que tens a alma curtida a lama e o corpo curtido em vinho...»

**Suas Magestades**

Suas Magestade El-Rei Senhor D. Manuel II e Sua Augusta Esposa, jantaram, em 26 de Janeiro, com o Sr. Asquith, primeiro ministro do governo inglez.

Correspondendo a novo pedido do senhor Asquith, e por especial deferencia para com este, consentio Sua Magestade El-Rei em voltar a almoçar em sua casa, como de facto almoçou na passada semana.

Na Liga Naval

Só hoje podemos dar o sensacional programma do sarau que se realisa na noite de 12 do corrente. Os convidados devem ter occupado os seus logares antes das nove horas, sob pena de só depois de terminar a conferencia do sr. Alfredo Pimenta sobre o sarau poderem occupar os seus logares.

I

Impromptu em lá bemol, op. 99, de Franz Schubert, para piano, pelo Ex.^{mo} Sr. Henrique Vieira da Silva.

La fermière, de Guy d'Hardelot (paroles de Hégessipe Moreau).

Para canto, pelo Ex.^{mo} Sr. Rodrigo Samwell Diniz.

Versos, pela Ex.^{ma} Sr. D. Branca de Gonta Colação.

a) **Recit de pimeau**, da opera Boris Godounoff, de Mussorgsky (primeira audição em Lisboa).

b) **La mort des pauvres**, de Luiz de Freitas Branco. (1909).

Para canto e piano, pelos Ex.^{mos} Srs. Luiz de Freitas Branco e Pedro de Freitas Branco.

II

Adante Gracioso do trio em mi maior, de Mozart (1756). Para cravo, violino e violoncello. Pelos Ex.^{mos} Srs. Hernani Braga, Pedro de Freitas Branco, e D. Luiz da Cunha e Menezes.

Plaisir d'amour, romance de Martini (1706, 1784). Para canto, pela Ex.^{ma} Sr. D. Bertha Guimarães.

Adagio da sonata em si menor, de J. S. Bach (1685-1750). Para cravo e violino. Pelos Ex.^{mos} Srs. Hernani Braga e Pedro de Freitas Branco.

Serenata, da opera D. João, de Mozart (1756-1791). Para canto, pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro de Freitas Branco.

Gavotte, de Rameau (1683-1764). Para cravo. Pelo Ex.^{mo} Sr. Hernani Braga.

Lá ci darem la mano, da opera D. João, de Mozart (1756-1791). Para canto, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Bertha Guimarães e pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro de Freitas Branco.

III

Polonaise, de Paderewski. Pelo Ex.^{mo} Sr. João Conreiras Queriol.

Sans toi, (Without Thee), de Guy d'Hardelot (poésie de Victor Hugo). Para canto, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Bertha Guimarães.

Doas paginas de um livro. Versos, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo Pimenta.

L'anneau d'argent, rondel, de C. Chaminade (poésie de Theophile Gautier). (1908). (Primeira audição em Lisboa).

Para canto, pelo Ex.^{mo} Sr. Rodrigo Samwell Diniz.

a) **Berceuse**, de Cui.

b) **Preludium e allegro**, de Kreisler. Para violino e piano. Pelos Ex.^{mos} Srs. Pedro de Freitas Branco e Luiz de Freitas Branco.

Os acompanhamentos das peças de canto serão feitas no cravo, pelo Ex.^{mo} Sr. Hernani Braga, e, no piano, pelo Ex.^{mo} Sr. Luiz de Freitas Branco.

Battistini

Está em Lisboa, pela terceira vez para cantar opera, o barytono Battistini, que segundo dizem está mais gordo e mais avelhentado — o que não admira.

Cantou em S. Carlos, vae cantar no Colyseu; ha de notar a sensibilissima differença, ainda que muitos dos seus antigos admiradores com a sua presença honrara o Colyseu.

Em Coimbra

No Domingo e hontem deve a orchestra David Sousa ter dado dois concertos. Até á hora em que escrevemos nada sabemos do que tenham sido, mas por certo, a julgar pelos antecedentes s, devem ter sido brilhantes e a concorrência enorme.

Dos nossos correspondentes

Penafiel, 3. — Ao darmos início ás nossas humildes correspondências, felicitamos cordealmente, o ex.^{mo} Director da Monarchia, assim como todos aqueles que se não poupam a trabalhos e fadigas para engrandecer este denodado defensor da Causa Monarchica. Longa vida e mil prosperidades é o que lhe desejamos.

Em audiencia de juri, respondeu no tribunal d'esta comarca, o rev. Firmínio Marques Tavares, digno parochio de Melhundos, por abuso de liberdade de imprensa. A defesa esteve a cargo do illustrado e distincto advogado sr. Dr. Francisco Correia Pinto, que durante mais d'uma hora, com a sua palavra arrebatadora e empolgante, pôz bem ao vivo as fórmulas da liberdade da imprensa, citando phrases de Victor Hugo, Rousseau e do brilhante e erudito jornalista Dr. Alfredo Pimenta.

A sala do tribunal estava litteralmente repleta de senhoras, padres e pessoas em destaque.

Por fim o rev. Firmínio Marques Tavares, levantando-se dizendo que nunca nos seus escriptos tivera a intenção de offender o digno agente do Ministerio publico e que essa declaração se comprometia a fazela no jornal em que tinha sido processado pouco depois, o digno presidente do tribunal leu a sentença que por unanimidade absolvio o reu.

— No logar de S. Thiago suburbios desta cidade, effectuou-se a costumada festividade em honra da Virgem do Rosario, constando de missa solemne e sermão pelo rev. José de Pinho, parochio desta cidade e brilhante orador.

— Estiveram assás concorridas as sessões que no elegante Salão Cine-Club se realisaram.

Deu á luz uma robusta creança do sexo feminino a virtuosa esposa do Sr. Dr. Gustavo Teixeira Dias.

Correspondente.

Lamêgo, 3-2-916. — As nossas primeiras palavras são de saudação para Astrigildo Chaves, um dos mais valentes defensores da Causa Monarchica. D'aquí, pois, o saudamos e ao novo jornal desejamos uma longa vida.

Conhecemos já Astrigildo Chaves d'«A Acção Nacional» e do «Espectro.» Sabemos bem o que elle é e o que elle valle e por isso recomendamos a todos os monarchicos nossos conterraneos o seu jornal.

*

Acontecimentos bastante deploraveis, se teem descontrolado n'esta cidade após o 14 de maio; acontecimentos em que se teem tornado *célebres* uns tambem já *célebres* sujeitos d'esta cidade sobre sahindo sempre um tal *Anjinho da Guarda* que por signal tem andado bem guardado, pois ainda não encontrou quem lhe desse uma boa lição. Todavia ainda não é tarde...

E, cá nos teem de atalaia os taes sujeitos que só se teem tornado celebres na asneira e que foram os unicos que com as suas «garotices» fizeram com que esta cidade tenha tão má nota...

Mas cá nos teem para lhes dizermos as verdades quando for preciso.

Terminamos perguntando á auctoridade competente, quando são castigados os assassinos d'aquella pobre gente que aqui veio no dia 20 de Julho. E' necessario que se faça justiça e se castiguem rigorosamente os culpados.

Ignotus.

Correspondentes

Aos nossos correigionarios da provincia pedimos se dignem escolher e indicar-nos correspondentes para este jornal.

Contos da Carochinha

Para creança

Preço 100 réis cada volume. A' venda em

A POLYCOMMERCIAL

Brevemente: A LOUCURA JACOBIÑA

POR ASTRIGILDO CHAVES

I — Um Bragança não foge!

II — O Massacre do Tenente Soares.

— Tiragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo **200 réis.**

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possui machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

E muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pes oal que vae a casa dos clientes